

De profundis

Georg Trakl

Es ist ein Stoppelfeld, in das ein schwarzer Regen fällt.
Es ist ein brauner Baum, der einsam dasteht.
Es ist ein Zischelwind, der leere Hütten umkreist –
Wie traurig dieser Abend.

Am Weiler vorbei
Sammelt die sanfte Waise noch spärliche Ähren ein.
Ihre Augen weiden rund und goldig in der Dämmerung
Und ihr Schoß harret des himmlischen Bräutigams.

Bei der Heimkehr
Fanden die Hirten den süßen Leib.
Verwest im Dornenbusch.

Ein Schatten bin ich ferne finisteren Dörfern.
Gottes Schweigen
Trank ich aus dem Brunnen des Hains.

Auf meine Stirne tritt kaltes Metall.
Spinnen suchen mein Herz.
Es ist ein Licht, das in meinem Mund erlöscht.

Nachts fand ich mich auf einer Heide,
Starrend von Unrat und Staub der Sterne.
Im Haselgebüsch
Klangen wieder kristallne Engel.

De profundis¹

Georg Trakl

Tradução de João Catarino*

É um campo de restolho onde uma chuva negra cai.
É uma árvore castanha que se ergue solitária.
É um vento sibilante que circunda cabanas vazias –
Tão triste, este anoitecer.

Junto ao povoado,
A doce órfã recolhe ainda a escassa espiga.
Redondos e dourados, os seus olhos repousam no crepúsculo
E o seu regaço anseia pelo noivo celestial.

No regresso,
Os pastores descobriram o gracioso corpo
Em decomposição num espinheiro.

Sou uma sombra, longe das obscuras aldeias.
O silêncio de Deus,
Bebi-o na nascente do bosque.

Metal frio esmaga-me a fronte.
Aranhas procuram o meu coração.
É uma luz que se extingue na minha boca.

De noite, dei por mim numa charneca,
Coberto de sujidade e poeira das estrelas.
Na avelreira
Soavam de novo anjos cristalinos.

* Licenciado em Tradutores e Intérpretes na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

¹ In Olívio Caeiro, *Oito Séculos de Poesia Alemã*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 445.